

Bullying escolar: avaliação de uma intervenção realizada com professores de uma escola da capital brasileira

School bullying: evaluation of an intervention carried out with teachers from a school in the capital of Brazil

Acoso escolar: evaluación de una intervención realizada con profesores de una escuela de la capital brasileña

Gabriella Ferreira Quaranta ¹, Larissa Schenato Capo ¹, Marta Angélica Iossi Silva ², Wanderlei Abadio Oliveira ³, Juliana Alves Xavier ¹, Julliane Messias Cordeiro Sampaio ^{1*}

1. Centro Universitário de Brasília – UniCEUB. Escola de Enfermagem. Faculdade de Ciências da Saúde – FACES. Brasília - DF – Brasil.

2. Departamento de Enfermagem Materno Infantil e Saúde Pública, Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo. Ribeirão Preto, SP, Brasil.

3. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Campinas, São Paulo, Brasil.

* Correspondência para:

Julliane Messias Cordeiro Sampaio

E-mail: julliane.sampaio@ceub.edu.br

Resumo

Objetivo: Comparar o impacto de uma intervenção realizada por uma enfermeira com os professores em uma escola de ensino fundamental na capital federal brasileira, a partir das respostas dos estudantes frente a temática bullying.

Método: Quase experimento (antes e depois), utilizando questionário autoaplicável com 148 estudantes de 10 a 16 anos de idade, do 6º ao 9º ano, porém, a intervenção foi realizada com os professores da escola. A pesquisa ocorreu no período de dezembro de 2018 a abril de 2019. **Resultados:** Constatou-se que houve mudança de comportamento entre os estudantes, a partir do decréscimo da prevalência de vítimas (42,56% - 29,72%). **Conclusão:** A ação do enfermeiro na capacitação dos professores e, respectiva mediação destes profissionais no ambiente escolar demonstrou a importância do trabalho multiprofissional para a redução do bullying e no rompimento ciclo de violência na escola.

Descritores: Bullying; Saúde do Adolescente; Educação em Saúde; Serviços de Saúde Escolar.

Abstract

Objective: To compare the impact of an intervention carried out by a nurse with the teachers at an elementary school in the Brazilian federal capital, based on the students' responses to the theme of bullying. **Method:** Quasi-experiment (before and after), using a self-administered questionnaire with 148 students from 10 to 16 years old, from the 6th to the 9th grade, however, the intervention was carried out with the school's teachers. The research took place from December 2018 to April 2019. **Results:** It was found that there was a change in behavior among students, due to the decrease in the prevalence of victims (42.56% - 29.72%). **Conclusion:** The nurse's action in the training of teachers and the respective mediation of these professionals in the school environment demonstrated the importance of multiprofessional work for reducing bullying and breaking the cycle of violence at school.

Descriptors: Bullying; Adolescent health; Health education; Promotion of school health.

Resumen

Objetivo: Comparar el impacto de una intervención realizada por una enfermera con los maestros en una escuela primaria en la capital brasileña, en base a las respuestas de los estudiantes al tema del bullying escolar. **Método:** Cuasi-experimento (antes y después), utilizando un cuestionario autoadministrado con 148 estudiantes de 10 a 16 años, del 6º al 9º grado, sin embargo, la intervención se llevó a cabo con los maestros de la escuela. La investigación tuvo lugar desde diciembre de 2018 hasta abril de 2019. **Resultados:** Se encontró que hubo un cambio en el comportamiento entre los estudiantes, debido a la disminución en la prevalencia de víctimas (42.56% - 29.72%). **Conclusión:** La acción de la enfermera en la capacitación de maestros y la mediación respectiva de estos profesionales en el entorno escolar demostró la importancia del trabajo multiprofesional para reducir el acoso escolar y romper el ciclo de violencia en la escuela.

Descriptorios: Bullying; Salud del adolescente; Educación para la salud; Promoción de la salud escolar.

Como citar este artigo:

Quaranta GF, Capo L, Silva MAI, Oliveira WA, Xavier JA, Sampaio JMC. Bullying Escolar: Avaliação de uma intervenção realizada com professores de uma escola da capital brasileira. Rev. Enferm. Digit. Cuid. Promoção Saúde. 2020;5(2):109-116. DOI:<https://doi.org/10.5935/2446-5682.20200020>

Data de submissão: 28/02/2020. Data de aprovação: 20/07/2020.

INTRODUÇÃO

O *bullying* se manifesta a partir de vários tipos de comportamentos agressivos, podendo ser de natureza física (bater, chutar e empurrar), verbal (apelidar, xingar e rir) ou relacional (isolar socialmente a vítima, espalhar boatos e manipular relacionamentos). Trata-se de um fenômeno multifacetado, por vezes, velado e de difícil identificação. Ele ocorre em diferentes locais, porém, segundo a literatura científica, o ambiente escolar mostrou-se o local com maior incidência e prevalência para sua expressão⁽¹⁻³⁾. Recentemente, o uso das tecnologias de informação e comunicação trouxe como ônus o surgimento do cyberbullying, caracterizado por atos violentos difundidos pela internet e pelo telefone celular, que são usados para expor colegas por meio de mensagens caluniosas ou difamatórias^(2, 4, 5).

Os primeiros relatos sobre *bullying* ocorreram nos países nórdicos da Europa e, teve como pioneiro o professor Dan Olweus, após o suicídio de três crianças ter sido veiculado nos meios de comunicação, tendo como causa provável os maus-tratos sofridos no ambiente escolar por seus pares. A partir de então, fora elaborado um plano de intervenção pelo mesmo professor, fato que favoreceu a redução do fenômeno em 50% dos casos. Assim, esse programa tem sido utilizado em escolas norte-americanas e na Europa, tendo como eixo de ação, alunos, pais, professores, funcionários e demais integrantes da rede social de inserção escolar, na tentativa de minimizar os efeitos desse tipo de violência⁽⁶⁻⁹⁾.

Observa-se a necessidade de estratégias de enfrentamento desse tipo de violência para minimizar os danos causados pelo envolvimento com esse tipo de violência. Em tal contexto, os professores desempenham um papel fundamental na gestão e na prevenção de conflitos entre os alunos. Esses profissionais nem sempre conseguem identificar as situações mais sutis do fenômeno ou, quando percebem essas e outras ocorrências do problema, decidem não intervir, algumas vezes por considerarem serem eventos típicos da faixa etária⁽¹⁰⁾. Deste modo, muitos agressores não são responsabilizados pelos atos que praticam, o que acaba reforçando seus comportamentos e aumentando os índices de intimidação de forma cíclica. Reconhecendo o *bullying* como um problema de saúde pública, a ação da enfermagem torna-se fundamental no trabalho multiprofissional com ênfase na capacitação dos professores para melhor mediação dos conflitos e quebra do ciclo deste tipo de violência no âmbito escolar.

Por se tratar de uma violência que ocorre no

espaço escolar, reconhecendo o professor como o adulto responsável que permanece mais próximo dos alunos durante o horário de aula, e, sendo esse fenômeno um problema social passível de intervenções, elencou-se como objetivo desse estudo comparar o efeito pré e pós intervenção realizada com os professores em uma escola de ensino fundamental na capital federal brasileira, levando em consideração as respostas de estudantes do ensino fundamental sobre a temática *bullying*.

METODOLOGIA

Trata-se de um quase-experimento, realizado em uma escola pública do distrito federal, que utilizou como instrumento da coleta de dados um questionário avaliado e aprovado para identificação da dinâmica do *bullying* no espaço escolar⁽¹⁾. É um questionário autoaplicável que demanda em média 12 minutos para ser respondido, podendo ser aplicado na própria sala de aula pelo professor com os estudantes presentes. Este questionário aborda questões sociodemográficas e perguntas para a identificação de vítimas e agressores, bem como estratégias de enfrentamento dos estudantes frente à temática. A coleta de dados foi realizada entre março e abril de 2019, após intervenção com os professores de uma escola na capital brasileira, Brasília. Assim, o questionário foi aplicado novamente após intervenção com professores ao mesmo grupo de estudantes respondentes na fase de pré-intervenção.

Na primeira etapa, utilizou-se a investigação de Salomão, Xavier e Sampaio⁽¹¹⁾, realizada anteriormente na mesma escola. Todos os estudantes do turno matutino foram convidados para participar da investigação (6º ano ao 9º ano do ensino fundamental) respondendo ao questionário proposto, desde que fossem matriculados e estivessem presentes no dia previsto para a aplicação do instrumento de coleta de dados. Não participando da pesquisa alunos com necessidades especiais, questionários respondidos parcialmente, deixados em branco ou com qualquer incoerência nas respostas e alunos ausentes no dia da aplicação do questionário.

No segundo momento, após a compilação dos dados referentes à situação de *bullying* entre os estudantes, foram realizados quatro encontros com os professores descritos no Quadro 1, a fim de abordar essa temática com a perspectiva de instruí-los na mediação dos conflitos através de oficinas. Sendo assim, foram elucidadas as variáveis sobre a vitimização e a busca de ajuda por parte das vítimas. Por meio dessas informações, elaborou-se atividades de sensibilização sobre a temática, destinada aos

Quadro 1 . Oficinas educativas realizadas com professores

OFICINA	TEMA ABORDADO	MATERIAL UTILIZADO
Primeira	Como distinguir o bullying dos conflitos corriqueiros?	Fragmentos de texto Oliveira et. al (2018). Aula expositiva utilizando material didático de Pepê (2011): Assédio moral, assédio escolar e bullying. Agressividade Infanto-Juvenil.
Segunda	Como identificar e ajudar a vítima de bullying?	Discussão de fragmentos do livro “Bullying: saber identificar e como prevenir” Lopes Neto, 2011. Mediação de conflitos - Ortega y Del Rey (1999) e Ortega (2002).
Terceira	Como identificar e auxiliar o agressor?	Aula expositiva, utilizando material didático de Pepê (2011): Assédio moral, assédio escolar e bullying. Agressividade Infanto-Juvenil. Mediação de conflitos - Ortega y Del Rey; (1999) e Ortega (2002).
Quarta	Auxiliando as testemunhas na identificação de bullying.	Rosário e Duarte, 2010; Salmivalli e Poskiparta 2012.

professores dessa escola a fim de que os mesmos fossem capacitados para discutirem os aspectos do *bullying*, identificarem os conflitos envolvendo esse fenômeno e, por fim, ofertar ferramentas de intervenção, por meio de diálogo e busca de respostas positivas dos estudantes frente ao envolvimento com esse tipo de violência.

De acordo com o calendário da Rede de Ensino local, as oficinas ocorreram entre fevereiro e março, tempo exigido pela escola para ajustes com mudança de governo local e adaptação da rotina para o ano letivo corrente. Implementou-se oficinas educativas no Horário Pedagógico de Trabalho Coletivo (HTPC), previamente agendado pela direção da escola, onde se abordou estratégias e técnicas de promoção de habilidades sociais direcionadas para a redução/prevenção do *bullying*, a serem utilizadas em sala de aula, recreios escolares e pátios.

As atividades tiveram por base as estratégias utilizadas com os professores por Sampaio⁽¹⁾. Segundo a autora, a temática *bullying* deve ser elucidada e dialogada na escola. Deve-se levar em consideração a formação, a atuação e a experiência do professor,

para que ele possa atuar frente aos casos de *bullying* de forma eficiente, viabilizando a redução da violência na escola.

Quanto à análise estatística, após a coleta dos questionários aplicados pela segunda vez, tais dados foram duplamente digitados em planilha Excel® e, em seguida, foi utilizado o programa SPSS 24 a fim de avaliar as etapas de pré e pós intervenção, ou seja, os dois questionários aplicados, em momentos diferentes com os alunos.

Em seguida, com a finalização das oficinas realizadas com os professores, foi aplicado o questionário para o mesmo grupo de estudantes da fase pré-intervenção, respeitando um prazo de aproximadamente três semanas entre a última oficina e a coleta, para que assim, as intervenções fossem repassadas e colocadas em prática, com o intuito de observar se houve redução do *bullying*.

Cabe salientar, que os encontros aconteceram após aprovação do projeto no Comitê de Ética em Pesquisa CEP/CEUB sob CAAE nº 03635218.9.0000.0023, e aprovação sob parecer de número 3.104.552 em 29/12/2018.

RESULTADOS

Os resultados dos testes estatísticos se referiram à comparação dos momentos pré e pós-intervenção, de uma maneira global, embora a análise descritiva das características dos estudantes em relação ao nível de envolvimento com o *bullying* também foram apresentados em ambos momentos (antes e depois da intervenção).

Ao analisar os dados despontados pelas tabelas, é possível perceber que não houve evidência de diferença estatística entre os momentos pré e pós implementação das atividades realizadas com os professores. Inicialmente, esses dados apresentam-se elevados, porém, após o programa *antibullying*, a diminuição dos mesmos torna-se relevante no ponto de vista da alteração no quantitativo de vítimas e agressores, sempre salientando que a implementação de estratégias de intervenção é um processo contínuo

e não deve ser interrompido com a saída das pesquisadoras da escola.

DISCUSSÃO

Na Tabela 1, estão representadas as características dos estudantes quanto ao ano escolar, o que evidenciou maior concentração de estudantes no sexto e no sétimo anos (66,2%), sendo a maioria do sexo feminino (66,2%). Quanto à idade, evidenciou-se a predominância de estudantes com onze e doze anos de idade (64,8%). Quanto à situação de reprova, os dados revelaram que a maioria dos sujeitos nunca reprovou (91,2%). Relacionado à cor/raça, 71,7% dos estudantes afirmaram ser de cor/raça parda ou branca.

Frente à vitimização, de acordo com a Tabela 2, os dados evidenciaram uma prevalência elevada de vítimas de *bullying* (42,5%). Após a implementação do programa *antibullying*, os resultados evidenciaram

Tabela 1 . Comparação dos estudantes (n=148), segundo ano escolar, sexo, idade, cor/raça. Brasília, Distrito Federal, Brasil, 2019¹.

Variáveis	N	%
Ano Escolar		
6º	54	36,49
7º	44	29,73
8º	32	21,62
9º	18	12,16
Sexo		
Feminino	98	66,22
Masculino	50	33,78
Idade		
10	9	6,08
11	53	35,81
12	43	29,05
13	22	14,86
14	17	11,49
15	4	2,70
Reprova		
Nunca reprovei	135	91,21
Reprovei	13	8,78
Cor		
Não respondeu	2	1,35
Branca	35	23,65
Preta	13	8,78
Parda	83	56,08
Amarela	4	2,70
Indígena	11	7,43

Tabela 2 . Prevalência de vítimas de bullying nos últimos 6 meses, pré e pós-intervenção (n=148). Brasília, Distrito Federal, Brasil, 2019¹.

	Pré intervenção ¹		Pós intervenção ¹	
	n	%	n	n
Vítimas				
Sim	63	42,56	44	29,72
Não	85	57,44	104	70,28
Total	148	100,0	148	100,0

¹ Não houve evidência de diferença estatística entre as fases pré e pós-intervenção ($\alpha=5\%$)

uma redução de 12,83% da frequência de estudantes submetidos às agressões pelos seus pares. Nesse sentido, para a variável vítimas, não houve evidência de diferença estatística entre os momentos pré e pós implementação das atividades realizadas com os professores.

Na análise do local de ocorrência do *bullying*, os achados evidenciaram que a sala de aula foi o local de maior ocorrência. De acordo com as pesquisas nacionais, a sala de aula é o local de maior prevalência do *bullying*^(1,12,13). Em ambos os momentos da investigação, foi apresentada uma redução de 13,0% após a intervenção. Além disso, o refeitório foi o local menos referido pelas vítimas nas fases pré e pós intervenção (Tabela 3).

Vale mencionar que a maioria das vitimizações ocorreu dentro do espaço escolar. Isso acaba instituindo uma situação passível de reflexão sobre a violência urbana adentrar-se no espaço escolar. Ou mesmo, se a escola, que deveria ser um espaço social, que deveria estimular além das questões de aprendizagem, a cidadania e promover a cultura de paz, tem se tornado um espaço de vulnerabilidade no que tange a violência. Essa situação foi evidenciada como outros espaços fora da escola onde ocorreu a perpetração da violência, a saber, no “caminho de casa” e “outro local”.

Quanto à variável “para quem você contou o *bullying* ocorrido?”, as vítimas relataram com maior frequência que informou aos amigos (12,16% pré-intervenção), apresentando um decréscimo de 2,71% após a intervenção (9,45%). É possível que isso tenha relação com a violência ser vista pela sociedade como algo natural, que pode ser aceitável ou que não pode ser mudado, gerando falta de questionamentos mediante a presença dela⁽¹¹⁾. Tal situação corrobora um desencorajamento do relato da agressão experienciada pela vítima, levando-a contar apenas para um amigo que, de fato, não poderá auxiliá-lo (Tabela 4).

Nesse contexto, Santos⁽¹⁴⁾ ressalta a necessidade de estimular aos alunos para que entendam a importância de se respeitar e respeitar o outro,

cabendo salientar que isso faz parte da consciência de ser professor. Corroborando com a proposta dessa investigação onde partiu-se do pressuposto de que, uma vez realizada intervenção com professores, fornecendo-lhes ferramentas que pudesse usar na mediação de conflitos, os resultados de prevenção e redução do *bullying* seriam possíveis.

Embora os resultados não tenham apresentado evidência de diferença estatística entre as fases pré e pós intervenção, houve alteração na busca por ajuda. Inicialmente, contar para um amigo ou não contar para ninguém somavam 22,97% dos relatos das vítimas. Esses valores apresentaram uma redução dessa frequência, que era desejada pelas pesquisadoras após a implementação da atividade com os professores para que os alunos vitimizados buscassem informar o ocorrido para algum adulto responsável que pudesse auxiliá-lo.

Nesse sentido, a frequência da soma dessas variáveis supracitadas diminuiu para 14,86% demonstrando que, houve efetividade da atividade implementada na escola, pois através das intervenções e oficinas realizadas, os professores foram instruídos e capacitados para melhor mediar e atuar na resolução de casos de *bullying*, o que pode ser evidenciado na Tabela 4, onde os alunos buscaram mais o professor para relatar situações de violência (12,83%).

Observa-se também o aumento da busca de ajuda por parte da vítima para um adulto responsável como professor, coordenador ou outro funcionário da escola (7,43% pré - 12,83% pós-intervenção), aos pais (7,43% pré - 12,16% pós-intervenção) e a outro membro da família (6,02% pré - 8,78% pós-intervenção).

Nesse sentido, Silva et al⁽¹⁵⁾ salienta a importância de se empoderar a vítima a fim de diminuir a condição de vulnerabilidade, despontará respostas mais adequadas caso surjam situações de violência que necessitem enfrentar novamente.

No que tange à conduta da pessoa para a qual foi referida a situação de *bullying*, os dados demonstraram que, antes da intervenção, 20,27% das pessoas procuradas pelas vítimas, não acreditaram na vítima (Tabela 5). Segundo Neto⁽¹⁶⁾, a escola deve

Tabela 3 . Local de ocorrência do bullying nos últimos seis meses, segundo as vítimas. Brasília, Distrito Federal, Brasil, 2019¹.

Local onde as agressões ocorreram	Pré intervenção n (%)		Pós intervenção n(%)	
Sala de aula	27	18,24	21	14,18
Recreio	24	16,21	20	13,51
Banheiro	02	1,35	02	1,35
Porta da escola	11	7,43	06	4,05
Corredores	13	8,78	10	6,75
Refeitório	05	3,37	03	2,02
Caminho de Casa	05	3,37	04	2,70
Outro lugar	09	6,08	05	3,37

Teste Exato de Fisher.

1 Não houve evidência de diferença estatística significativa entre as fases pré e pós intervenção ($\alpha=5\%$)

Tabela 4 . Distribuição das vítimas quanto a ter relatado ou não sofrido o bullying. Brasília, Distrito Federal, Brasil. 2019¹.

Reação da vítima	Pré intervenção n (%)	Pós intervenção n (%)
Não contou nada	16 10,81	08 5,40
Disse aos amigos	18 12,16	14 9,45
Disse ao professor, coordenador ou outro funcionário da escola	11 7,43	19 12,83
Disse ao pai e/ou mãe	11 7,43	18 12,16
Disse a outra pessoa da família	09 6,08	13 8,78

Teste Exato de Fisher

1 Não houve evidência de diferença estatística entre as fases pré e pós intervenção ($\alpha=5\%$)

Tabela 5 . Conduta da pessoa para quem a vítima contou ter sofrido bullying. Brasília, Distrito Federal, Brasil, 2019¹.

Conduta da pessoa para quem a vítima relatou o ocorrido	Pré n	intervenção (%)	Pós n	intervenção (%)
Não contou nada	16	10,81%	08	5,40%
Não acreditou	30	20,27%	02	1,35%
Não fez nada	09	6,08%	05	3,37%
Conversou comigo	15	10,13%	15	10,13%
Chamou a atenção do agressor	14	9,45%	11	7,43%
Ajudou de outra forma	04	2,70%	02	1,35%

Teste Exato de Fisher.

1 Não houve evidência de diferença estatística significativa entre as fases pré e pós intervenção ($\alpha=5\%$)

ouvir e dar atenção às reclamações, depoimentos e denúncias dos alunos quando estes referenciam a violência. Porém, o que comumente pode ocorrer é a ideia entre os professores que, ao presenciarem situações de *bullying*, acreditem que se tratam de brincadeiras características da idade⁽¹⁰⁾.

Observou-se, após a ação interventiva, que houve uma mudança da conduta da pessoa para quem a vítima referiu ter sofrido *bullying*, reduzindo a frequência em 18,91% de quem não acreditava. Esse fato pode estar atrelado à sensibilização dos professores para a temática e para a apresentação dos sinais e a manifestação do *bullying*.

A frequência de manutenção de diálogo com a vítima se manteve nas fases pré e pós-intervenção (10,13%), mas, cabe lembrar a redução da frequência do número de vítimas após a atividade interventiva com os professores (12,83%).

Os dados demonstraram que ao somar as variáveis “conversou comigo”, “chamou a atenção do agressor” e “ajudou de outra forma” 22,29% das vítimas conseguiram identificar que, ao verbalizar o *bullying* sofrido, a pessoa para quem foi informado o ocorrido ofereceu auxílio para ajudá-la no enfrentamento da violência perpetrada.

Segundo a investigação conduzida por Silva et al.⁽¹⁷⁾, quando questionados sobre a causa do *bullying*, alguns professores informaram nunca terem pensado sobre o assunto. Isso traduz a ideia de que deve-se sensibilizar essa categoria profissional que tão de perto atua na escola, para que desenvolvam habilidades na identificação das ações de violência, na mediação de conflitos e que se tornem a pessoa para quem a vítima se direcionará para pedir ajuda.

É nesse processo que emerge a figura do professor apresentada por Sampaio⁽¹⁾ como um adulto responsável que seja capaz de constituir vínculo de confiança com a vítima, para que ela se sinta segura para verbalizar a violência à qual esteja sendo submetida. Para tanto, o professor deve valorizar a fala da vítima, acolhê-la e auxiliá-la a buscar respostas adequadas frente as agressões.

Segundo Sampaio⁽¹⁾, se não houver intervenção frente essas situações de conflitos nas relações entre pares pela negligência das pessoas para as quais a vítima verbaliza seu sofrimento, além de gerar no agressor uma sensação de impunidade e isso poderá servir de estímulo para que continue agredindo outros estudantes, perpetuando, dessa maneira, o fenômeno *bullying* no espaço escolar, assim como poderá levar vítimas ao convívio com o medo, com a dor, com a angústia, desmotivando- o nos estudos, causando evasão escolar, sentimento suicida e, nas situações mais graves, tentativa e execução de autoextermínio⁽¹⁸⁾.

Nesse ínterim, algumas ações podem ser estabelecidas entre escola e família na tentativa da identificação de envolvimento com a violência causada pelo fenômeno e, segundo Trevisol⁽¹⁹⁾, o diálogo familiar consiste na melhor forma para o combate e resolução dos problemas de *bullying*, além de acreditarem que a família também deve aprender sobre o *bullying* e sobre os sinais que a criança emite quando está em sofrimento.

CONCLUSÃO

O reconhecimento do comportamento do *bullying* e as suas particularidades na escola, tornou-se uma ferramenta eficaz no que tange a eficiência do planejamento e na execução das atividades com os professores. Fomentar informações sobre as características do *bullying*, suas principais causas e consequências, por meio de ações dialogadas, permitiu sensibilizar esses profissionais, aproximando-os da temática.

Além das questões estabelecidas no processo ensino-aprendizagem, o professor, no ambiente onde se estabelecem os conflitos, deve estar vinculado à detecção e à mediação dos atos violentos, bem como para a execução de ações preventivas no que tange a dinâmica do *bullying*. É esse profissional quem apresentará, por meio de diálogo, a temática *bullying*. O professor também deve apresentar as condições para que os estudantes possam desenvolver habilidades adequadas frente ao *bullying* e então adotar comportamentos mais assertivos e positivos, a fim de minimizar os efeitos nocivos desse tipo de violência, destarte, reduzindo sua incidência no espaço escolar. Assim, são importantes projetos de intervenção que focalizem a capacitação desses profissionais para reconhecerem e atuarem de maneira efetiva.

Embora esse estudo possua pontos fortes, seus resultados devem ser interpretados considerando suas três principais limitações. Primeiramente, trata-se de um estudo quase-experimental, mas que não controlou outras variáveis que podem ter interferido na diminuição quantitativa de vítimas e agressores, como palestras ou ações *antibullying* durante a realização da pesquisa. Em segundo lugar, o tamanho amostral não permite aplicar as interpretações em outros contextos, pois elas se referem à experiência local. A terceira limitação se refere ao não acompanhamento das práticas dos professores em salas de aula para verificar se eles operacionalizaram os conhecimentos abordados durante a intervenção. Outros estudos são sugeridos para responder a essas limitações e ampliar a compreensão sobre o papel do professor para diminuir a ocorrência do *bullying* nas escolas. Ao mesmo tempo, ficou evidente que a contribuição da enfermagem e da saúde é significativa no processo de sensibilização dos docentes para a questão, o que deve acontecer em outros contextos.

Não se pretende, com essa investigação, o esgotamento das possibilidades de intervenção no ambiente escolar sobre os aspectos do *bullying*, pelo contrário. O presente artigo teve como objetivo chamar a atenção para a temática tão em voga e passível de esforços mútuos entre comunidade científica, escolar e setor saúde para reduzir esse tipo de violência na escola e reduzir os danos por ela causados, permitindo que a escola se torne um espaço de construção de conhecimento e de bom convívio social.

COLABORAÇÃO DOS AUTORES

1. Coleta de Dados, Conceitualização, Investigação, Metodologia, Visualização: Gabriella Ferreira Quaranta, Larissa Schenato Capó e Wanderlei Abadio Oliveira.

2. Supervisão: Marta Angélica Iossi Silva.

3. Análise estatística, Coleta de Dados, Conceitualização, Investigação, Supervisão: Juliana Alves Xavier.

4. Análise estatística, Coleta de Dados, Conceitualização, Gerenciamento de Recursos, Gerenciamento do Projeto, Investigação, Metodologia, Supervisão, Visualização: Julliane Messias Cordeiro Sampaio.

REFERÊNCIAS

1. Sampaio JMC, Santos GV, Oliveira WAd, Silva Jld, Medeiros M, Silva MAI. Prevalência de bullying e emoções de estudantes envolvidos. *Texto & Contexto-Enfermagem*. 2015;24(2):344-52.
2. Olweus D. School bullying: Development and some important challenges. *Annual review of clinical psychology*. 2013;9:751-80.
3. Oliveira WAd, Silva Jld, Braga IF, Romualdo C, Caravita SCS, Silva MAI. Modos de explicar o bullying: análise dimensional das concepções de adolescentes. *Ciência & Saúde Coletiva*. 2018;23:751-61.
4. Olweus D. Bullying at school and later criminality: Findings from three Swedish community samples of males. *Criminal behaviour and mental health*. 2011;21(2):151-6.
5. Vlachou M, Andreou E, Botsoglou K, Didaskalou E. Bully/victim problems among preschool children: A review of current research evidence. *Educational Psychology Review*. 2011;23(3):329.
6. Olweus D. *Understanding children's worlds. Bullying at school: What we know and what we can do*. Blackwell Publishing; 1993.
7. Pereira B, Pereira O, Pereira B, PEREIRA MBFLO, Pereira B. Para uma escola sem violência: estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças. 2002.
8. Martins MJD. Agressão, vitimação e emoções na adolescência, em contexto escolar e de lazer. *Revista Interações*. 2009;187-207.
9. Silva JOd, Ristum M. A violência escolar no contexto de privação de liberdade. *Psicologia: ciência e profissão*. 2010;30(2):232-47.
10. Troop-Gordon W, Ladd GW. Teachers' victimization-related beliefs and strategies: Associations with students' aggressive behavior and peer victimization. *Journal of abnormal child psychology*. 2015;43(1):45-60.
11. Quaranta GF, Capo LS, Sampaio JMC. Bullying: avaliação de uma intervenção com professores em uma escola pública do Distrito Federal. Programa de Iniciação Científica- PIC/UnICEUB-Relatórios de Pesquisa. 2019;4(1).
12. Fisher MJ, King J. The self-directed learning readiness scale for nursing education revisited: A confirmatory factor analysis. *Nurse education today*. 2010;30(1):44-8.
13. Rech RR, Halpern R, Tedesco A, Santos DF. Prevalência e características de vítimas e agressores de bullying. 2013.
14. Santos Ld. O papel do professor diante do bullying na sala de aula. Monografia, Universidade Estadual Paulista, Bauru. 2007.
15. Silva Jld, Oliveira WAd, Carlos DM, Lizzi EAdS, Rosário R, Silva MAI. Intervenção em habilidades sociais e bullying. *Revista Brasileira de Enfermagem*. 2018;71(3):1085-91.
16. Neto AAL. Comportamento Agressivo entre Estudantes: bullying. *Escolas Promotoras de Saúde*. 2006:115.
17. da Silva PF, Freller CC, de Lima Alves LS, Saito GK. Limites da consciência de professores a respeito dos processos de produção e redução do bullying. *Psicologia USP*. 2017;28(1):44-56.
18. Pereira B, Silva MI, Nunes B. Descrer o bullying na escola: estudo de um agrupamento de escolas no interior de Portugal. *Revista Diálogo Educacional*. 2009;9(38):455-66.
19. Trevisol MTC, Campos CA. Bullying: comprobando la comprensión de los profesores sobre el fenómeno en el ambiente escolar. *Psicologia Escolar e Educacional*. 2016;20(2):275-84.